

*INTUIÇÃO:  
da gramática da  
sentença à gramática  
do discurso*

Marísia Carneiro (UERJ/UGF)

<b>RESUMO</b>	<i>Reflexão sobre o papel da intuição nos modelos da gramática gerativa e da pragmática.</i>		
<i>palavras-chaves</i>	<b>poesia</b>	<b>modernidade</b>	<b>tradução</b>

### *1. Introdução*

Apresento, neste breve artigo, reflexões sobre o papel da intuição nos modelos que, hoje, são mais difundidos como representativos da linguagem: a gramática gerativa e a pragmática. Após a introdução, o texto se divide em três partes. No segundo tópico, encontra-se um resumo dos conceitos mais salientes da intuição, segundo correntes filosóficas da Antigüidade aos dias de hoje. No terceiro e quarto tópicos, localizamos a intuição no modelo formalista de Noam Chomsky e no modelo empiricista, respectivamente.

A prática de se representarem os objetos do universo, na sua configuração global ou em seu processo de existir, individual, fenomenológico, por meio de ícones e símbolos, dá como resultado algo bastante diverso do que habitualmente se chama realidade. A representação não é o objeto representado. Ela exige a intercorrência de um intérprete da relação referencial que então se instaura. A representação é ilusão em graus variáveis, dependendo dos apelos ficcionais de cada um. A representação é o erro primordial. Produz modelos em que se percebem, se forem observados atentamente, sinais de inefabilidade. Portanto, são modelos fadados à necessidade de revisão.

Os conceitos que se fazem do mundo real têm sido organizados em complexos sistemas referenciais, racionais ou empíricos; mas nenhum pode substituir a realidade e nem sempre são fidedignos. Daí os riscos de atitudes dogmáticas face a quantos modelos se oferecem aos que buscam a verdade. A ciência, no plano das investigações dos fatos biológicos e físicos, pode

representar, por exemplo, o fenômeno *chuva*, explicitando, com objetividade, a correspondência entre o modelo e o fato, atemporalmente; mas não poderá fazê-lo considerando os aspectos histórico-espaciais da variável desse fenômeno observado num dado instante. Por outro lado, a ciência, no plano das investigações dos fatos sociais e humanos, não poderá deixar de considerar os aspectos temporais dos fatos se quiser aproximar-se da representação fidedigna.

Por conseqüência, eis a questão fundamental que mobiliza aqueles que investigam os fatos sociais e humanos: que validade têm os modelos que representam os fatos sociais e humanos, sem contextualizá-los? Não cabe, aqui, tentar encontrar resposta. O fato é que de um lado os racionalistas, formalistas, e de outro os empiricistas, não-formalistas, buscam representar o objeto lingüístico, com objetividade e fidedignidade, aplicando os primeiros ferramentas reducionistas e os segundos, ferramentas diversificantes. Em ambos, a intuição é referida com certa relevância.

Neste trabalho, procura-se não a defesa deste ou daquele modelo de abordagem dos fatos das línguas. Pretende-se escavar um pouco mais esse terreno da produção do conhecimento lingüístico e buscar, nas raízes de suas manifestações mais visíveis, e na especificidade de seus métodos, o papel da *intuição*. No desempenho do fenômeno global da representação, em que se incluem todos os sistemas semióticos, o homem observa, coteja e interpreta, aplicando suas faculdades mentais. Dentre estas, a intuição participa particularmente da construção de modelos teóricos, quer na formulação de conceitos apriorísticos, quer na solução dos enlaces e da dependência dos fatos.

Desenvolvem-se, nas linhas subseqüentes a esta introdução, algumas explanações a respeito do papel da *intuição* na construção dos modelos lingüísticos contemporâneos que mais têm empolgado os pesquisadores: o modelo gerativista e os modelos pragmáticos. Tenta-se, aqui, contribuir com algumas idéias para o entendimento do debate motivado pelas questões: Como conciliar intuição e racionalismo formal? Como postular para a pragmática um modelo empiricista que possa conciliar razão e intuição?

## 2. *Intuição: saber divino, saber de todos*

Atendendo às necessidades de objetividade e relevância deste artigo, sintetizamos, neste tópico, os conceitos de intuição (Abbagnano, 1982: 552-554), que nos vão servir nas reflexões sobre a sua função nos dois modelos mencionados. No sentido histórico e tradicional do termo, intuição é um conhecimento superior e privilegiado atribuído à competência divina, na sua relação direta com um objeto qualquer. Da Idade Média a Kant, o termo

designa um traço privilegiado da consciência humana, um conhecimento empírico, identificado com a experiência. Para o racionalista Descartes, através da intuição a mente pode chegar ao conhecimento, na sua relação imediata com um objeto, com intermediação de idéias apriorísticas, inatas. Para o empirista Locke, o conhecimento intuitivo percebe a conexão ou não-conexão entre duas idéias sem a intermediação de outras. Kant atribui ao homem apenas a *intuição sensível*, o conhecimento em relação ao objeto presente, o que se dá passivamente; a Deus compete a *intuição intelectual*. Hegel entende que intuição é pensamento. Schopenhauer não vê diferença entre intuição e intelecto. Bergson entende intuição como relação imediata com objetos do mundo real e com o “impulso criativo da vida”. Para Benedetto Croce, intuição é arte, pois não distingue real e irreal.

Hoje, o que se pode conservar do significado do termo intuição? Peirce (1868, *apud* Abbagnano) afirmou que o significado de *intuição* não traduz a forma de conhecimento, e sobretudo de pensar, pois este só pode acontecer com o auxílio de sinais. O que, em termos absolutos, não é verdadeiro. Os cientistas contemporâneos referem-se à intuição quando destacam “o caráter inventivo de sua ciência”. A *intuição*, faculdade da mente humana, gera a idéia ou hipótese experimental, antecipando, dessa maneira, conhecimentos do objeto observado. Segundo Claude Bernard (1865, *apud* Abbagnano) ela é a faculdade que nos ensina a ver no campo das pesquisas experimentais. Em suma, a intuição designa o grau de liberdade do pesquisador em suas pesquisas.

De tudo isso, como entender o termo intuição nos modelos lingüísticos? Os que se dedicam ao modelo gerativista assumem a intuição como recurso de aquisição da linguagem e experiência, reeditando os sentidos que o racionalismo cartesiano e o kantismo dão ao termo. Por outro lado, os modelos pragmáticos mostram que a intuição cabe-lhes como experiência, como relação direta entre a mente e os objetos sensíveis, sem intermediações apriorísticas, sem idéias inatas. Neste sentido, somente Kant está presente.

### 3. *Intuição no formalismo chomskyano*

Intuição, no modelo gerativista, é não só condição do inatismo, mas também confunde-se com um saber natural necessário à validação da própria teoria. Trata-se de validar as evidências da faculdade humana da linguagem, que é adquirida de forma espontânea pelo indivíduo em contato direto com suas manifestações concretas imediatas. Segundo Chomsky (1986:3), a intuição é: “an innate component of the human mind that yields a particular language through interaction with presented experience, a device that converts experience into a system of knowledge attained: knowledge of one or another language.”

A criança faz atuar sua faculdade inata da linguagem sobre os fatos concretos do mundo exterior. Dessa maneira intuitiva descobre as estruturas da língua e constitui sua competência lingüística. Ela não é livre tendo em vista as restrições estruturais. Segundo esse modelo racionalista, a língua natural distingue-se dos demais sistemas semióticos de representação pela intuição no sentido cartesiano e kantiano, mas também no sentido de invenção a partir das estruturas existentes, o que explica a criatividade lingüística. Esta designa a faculdade de o falante gerar uma infinidade de sentenças a partir de um número definido de elementos conhecidos, o que lhe permite combinar unidades descontínuas, mais do que diversificar de maneira contínua os parâmetros do sistema. Entretanto, sendo reducionista, esse modelo não se preocupa em tratar de tudo o que possa resultar dessa propriedade da linguagem, já que só se interessa pelas sentenças descontextualizadas. O sentido de intuição, no modelo gerativo, não é simples.

No modelo da gramática gerativa, a intuição serve, também, de argumento para tornar fidedignas as decisões de aceitabilidade dos dados da língua por parte do falante-ouvinte ideal. Seguindo esse caminho, o gerativismo utiliza-se da intuição do falante nativo para selecionar seus dados e tomá-los como evidências da coerência de seu modelo universal das línguas. Entretanto, a base racionalista serve para sistematizar os princípios apriorísticos e universais e os parâmetros específicos da língua I (internalizada), organizando-os segundo a coerência lógica e matemática. Neste ponto os dois conceitos, razão e intuição, criam um conflito: a intransitividade entre o reducionismo restritivo da lógica, expresso nas formalizações chomskianas, e o recurso à intuição para explicar o processo da aquisição da linguagem e para validar os dados.

#### *4. Intuição pragmática: caminho inevitável para o contexto*

Ao usar a língua adquirida ou aprendida, o falante só manifesta seu conhecimento real dessa língua na medida em que atribui força ilocucionária às expressões. Cabe-lhe adequar sua fala às condições em que ele a concretiza. O modelo pragmático considera, portanto, os fatores contextuais, extralingüísticos nas suas investigações dos fatos. Ele faz investigações que dêem conta das peculiaridades do desempenho lingüístico e, portanto, não dispensa também a intuição lingüística do falante, no sentido de invenção, e a do investigador, no sentido de experiência.

Nesse modelo empiricista, o que se diz que é dado pelo contexto, na verdade é apreendido pelo falante através da sua intuição, isto é, no seu

contato direto com expressões contextualizadas. Dessa maneira, o desempenho é a manifestação espontânea da intuição lingüística em consonância com o contexto. Portanto, ela não é totalmente livre, tendo em vista as restrições contextuais.

No domínio da gramática, uma das derivações da pragmática, o chamado funcionalismo mostra as estruturas como formas congeladas de expressões lexicais cujo sentido era facilmente apreendido pelos interlocutores. Surge a gramática como um mecanismo de regras constituídas *a posteriori*, formuladas a partir da análise de um *corpus* da língua. Isso se constata nas observações de certas formas tidas com função puramente gramatical, mas que são ricas em funções discursivas. Por exemplo, eis uma das conclusões a que chega a pesquisadora Risso (1993: 56) em seu trabalho sobre a função e uso de *agora*: “As observações acima apontam para o fato de que os usos diversificados de ‘agora’, enquanto marcador de estruturação discursiva, não configuram uma perda total de elos com a significação de seu homônimo adverbial”. É um modelo claramente anti-racionalista, no sentido de não postular idéias inatas e apriorísticas, e não-reducionista.

Por outro lado, sendo a intuição uma faculdade mental de efeito imponderável, já que se realiza na experiência, ela oferece resultados imprevisíveis, levando o falante a agir para além dos limites das estruturas da língua, o que se traduz na sua competência comunicativa. Portanto, no modelo pragmático, a intuição tem, também, o sentido kantiano de relação direta do sujeito com o objeto do mundo real, sem a interferência, segundo Locke, de idéias apriorísticas. A sistematização pretendida pelos racionalistas não é abandonada, mas o método para alcançá-la é que é diferente do cartesianismo positivista, pois não opera sobre a produtividade, mas sobre a produção. Não lhe interessa a fonte geratriz, a competência lingüística, a língua I, já que suas evidências não podem ser encontradas num *corpus*, mas interessam-lhe os resultados, a língua falada como tal.

A intuição, nesse modelo, serve para ressaltar a importância do contato direto do falante e do pesquisador com os fatos da língua. Serve, também, para explicar esse saber natural que o falante possui ao manejar com adequação as formas da língua segundo suas intenções comunicativas. Nesse sentido, as formas que constituem a intuição do falante gramaticalizaram-se nas estruturas cristalizadas. Mas, tais estruturas não são, de forma alguma, construções predeterminadas por um tipo de especialização biológica do homem para a realização da faculdade da linguagem. São conhecidos os exemplos agramaticais da pidginização e a sua posterior dialetalização decorrente do congelamento de formas consagradas pelo uso coletivo. A sistematização, conhecimento teórico e racional, vem depois e serve para deduzir e organizar o que é produto de um saber natural, não por ser inato ao homem, mas por fazer parte do processo de conhecimento da realidade (cognição).

## 5. Conclusão

Na fundamentação teórica do modelo formalista proposto por Noam Chomsky e sua equipe do MIT, está bastante difundida a constatação de que a relevância da intuição, tal como foi compreendida acima, é recurso para investigar a língua I. A intuição é, ainda, um saber natural a que se recorre, dentre outras finalidades, para validar hipóteses e dados. Por isso é que se pode afirmar que ela, como é considerada no modelo gerativo, é um sinal de sua inefabilidade. Assim, o modelo não esconde suas incertezas e traz, já em sua base, a necessidade imediata e quase eterna de renovação.

Nos modelos pragmáticos, o termo intuição é de uso mais restrito e específico e não se instala na própria concepção teórica de linguagem. Aqui, não se toma a intuição como parte do fundamento do sistema de referências desse modelo, porque ela é vista apenas como um aspecto da capacidade intelectual do ser humano. Assim, ela é experiência da língua no contexto comunicativo e serve apenas para se estabelecerem hipóteses, no ponto de vista do pesquisador.

## Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad., coord. e rev.: Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- DASCAL, Marcelo. "O lugar da pragmática na teoria da linguagem". In: *Acts semiotica et linguistica*. v. 3 São Paulo: Global Editora, s/d.
- \_\_\_\_\_. "As convulsões metodológicas da lingüística contemporânea". In: *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Org. Marcelo Dascal. São Paulo: Global Editora, 1978.
- HEIDEGGER, Martin. *Chemins que ne mènent nulle part*. Trad. Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1968.
- RISSO, Mercedes. "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: *Gramática do português falado*. v. III: As abordagens. AtalibaTeixeira de Castilho (Org.) Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, São Paulo: FAPESP, 1993.